

## Radar Stocche Forbes

Março 2020

RADAR STOCHE FORBES –  
FINANÇAS SUSTENTÁVEIS

## Investidores atentos ao comportamento das empresas em tempos de COVID-19

A chegada do COVID-19 traz lições sobre gestão de crise do ponto de vista dos aspectos sociais de ASG. Nesse contexto, os investidores tem um papel a desempenhar. É o que diz Paul Pohlman, ex-CEO da Unilever, em entrevista para o Financial Times. Para ele, agora é o momento de stakeholders e gestores e proprietários de ativos que têm falado de ASG cobrarem as companhias um standard de moralidade mais alto. A coluna Moral Money do Financial Times inclusive está nomeando exemplos de maus e bons comportamentos corporativos diante da crise do COVID-19.

Conforme artigo publicado pela Bloomberg, investidores ASG nos Estados Unidos estão de olho, em especial, nas interações de empresas com os funcionários: se demitem ou continuam pagando os funcionários durante a pandemia, se fornecem seguro médico adequado e se permitem trabalhar em casa. "As pessoas vão se lembrar de como as empresas trataram os empregados e como se comportaram na comunidade", diz John Streur, diretor-presidente da Calvert Research and Management, unidade de investimento responsável da Eaton Vance.

Este é o viés do movimento do **capitalismo de stakeholders**, como lembra Klaus Schwab, fundador e chairman do World Economic Forum, em entrevista para o Financial Times. Para ele, a crise do COVID-19 é um teste que revela quais empresas de fato estão incorporando esse modelo. O capitalismo de stakeholders busca garantir a preservação e resiliência da companhia no longo prazo e a inserção da companhia em sociedade.

Empresas que ao longo do tempo antes da crise usaram seu lucro para investir em transformação digital, talentos, pesquisa e desenvolvimento e sua relação com os consumidores hoje têm mais habilidade para reagir à crise. Exemplo disso é a Microsoft, que está provendo acesso e treinamento a professores para utilização de seu programa *Teams* para ensino remoto. A Microsoft faz isso não apenas porque é seu modelo de negócios, mas porque seus stakeholders esperam que a companhia tome a iniciativa em momentos de crise como este.

Para Schaub, as companhias que atuam com base no capitalismo de stakeholders entendem que uma emergência de saúde global como COVID-19 pede que todos os atores da sociedade temporariamente se reorientem para a resposta emergencial necessária. Durante esse período e quando ele terminar, devemos apoiar essas companhias: "Elas representam o modelo econômico que nos faz querer sobreviver hoje, e prosperar de novo amanhã".

As notícias referidas neste artigo podem ser encontradas [aqui](#), [aqui](#) e [aqui](#).

## COVID-19 e Mudanças Climáticas

A ligação entre o COVID-19 e a crise climática ainda é desconhecida, mas, há mais de duas décadas, cientistas e a Organização Mundial da Saúde vêm alertando sobre o aumento de doenças infecciosas em razão do aquecimento do clima. No relatório “*2010 Quadrennial Defense Review*”, o Pentágono oficialmente reconheceu a mudança climática como fator considerável no planejamento nacional de segurança, alertando que **temperaturas mais altas podem também exacerbar a introdução e proliferação de doenças relacionadas ao calor e vetores de doenças**, como mosquitos, em regiões vulneráveis. Este raciocínio também foi reforçado pelo “*Climate Change Adaptation Roadmap*”, divulgado pelo departamento de defesa dos Estados Unidos em 2014.

Por outro lado, há impactos imediatos do COVID-19 nas emissões de carbono, dessa forma, influenciando a própria mudança do clima. O fechamento de fábricas e lojas na China, ao lado das restrições de viagens para lidar com a epidemia do COVID-19, resultaram em um declínio substancial no consumo de combustíveis fósseis no país asiático. Esse processo produziu uma queda de pelo menos 25% nas emissões de dióxido de carbono da China,

segundo cálculos de Lauri Myllyvirta, do Centro de Pesquisa em Energia e Ar Limpo, com sede nos Estados Unidos. Uma redução de 25% nas emissões da China é equivalente a uma redução global de 6%.

No entanto, o impacto pode ser temporário. Medidas destinadas a estimular a economia podem acabar por reverter a baixa no consumo de combustíveis fósseis e, portanto, empurrar as emissões acima das médias históricas, como aconteceu após a crise financeira global e a recessão econômica de 2015. Segundo Dominic Moran, professor de economia agrícola e de recursos da Universidade de Edimburgo, na Escócia, chave para que a mudança não seja somente temporária seria uma possível **mudança de comportamento dos consumidores**, na China e no mundo, como resultado do impacto econômico da crise ou do aumento da conscientização pelos danos das emissões. Se isso não acontecer, no entanto, a redução de emissões de CO<sub>2</sub> devido ao COVID-19 dependerá principalmente da extensão e da duração da crise.

Estas notícias podem ser encontradas [aqui](#), [aqui](#) e [aqui](#).

## COVID-19 e crise econômica: economia verde como caminho

Frente à expansão da pandemia causada pelo COVID-19, a economia global vem sendo afetada em diversos setores, de forma que muitos países estão sendo obrigados a tomar medidas contingenciais para mitigar a crise que está se instalando. Embora os impactos dessa crise sejam temporários, os riscos relacionados ao desenvolvimento sustentável e à mudança do clima continuam presentes.

Nesse contexto, cabe a reflexão sobre a relação também entre a degradação ambiental e a proliferação de novas doenças. Segundo o Centro de Controle e Prevenção de Doenças dos Estados Unidos, estima-se que 75% das novas doenças que infectam humanos tem origem animal. A título exemplificativo, podemos citar doenças como Ebola, Sars, Zika e a recente COVID-19.

Embora a cura para o COVID-19 ainda seja desconhecida, seu surgimento faz parte de um padrão de escolhas adotado pelo ser humano. É o que diz David Quammen - autor do livro “*Spillover: Animal Infections and the Next Human Pandemic*” -, em artigo publicado no jornal The New York Times.

*“Nós invadimos as florestas tropicais e outras paisagens selvagens, que abrigam tantas espécies de animais e plantas – e dentro dessas criaturas, tantos vírus desconhecidos. Nós cortamos as*

*árvores, matamos os animais ou os enjaulamos e os enviamos para os mercados. Destruímos ecossistemas, e tiramos os vírus de seus hospedeiros naturais. Quando isso acontece, eles precisam de um novo hospedeiro. Frequentemente, somos nós”.*

Para Kate Jones, professora da *University College London*, as doenças de origem animal são uma grande ameaça à saúde, segurança e economia globais. Ela sugere que, para evitar novas pandemias como o COVID-19, é preciso que países ricos e pobres, em conjunto, repensem a demanda por recursos naturais como minérios e madeira – a qual implica em desequilíbrio ambiental e degradação de paisagens.

Segundo Mary Robinson - ex-presidente irlandesa e alta comissária da ONU para direitos humanos -, tão importante quanto injetar dinheiro na economia para a manutenção de empregos é garantir o alinhamento de tais investimentos às ações de combate às mudanças climáticas: “A ameaça das mudanças climáticas é tão real quanto a do COVID-19, embora pareça distante”. Ela continua afirmando que o momento atual – em que ações tão dramáticas precisaram ser tomadas frente às ameaças do COVID-19 – é mais favorável para persuadir as pessoas sobre a relevância da questão climática.

Da mesma forma, organismos como a ONU entendem que uma das saídas para a crise econômica gerada pelo COVID-19 seria a adoção de estratégias de caráter sustentável embasadas no Acordo de Paris - como um meio de fortalecer ainda mais economias verdes, por meio da negociação e imposição de obrigações por parte de agentes privados no âmbito da obtenção de créditos ou

subsídios governamentais com o objetivo de mudar seus hábitos poluentes e, ao mesmo tempo, não deixar de lado suas responsabilidades ambientais.

Estas notícias podem ser encontradas [aqui](#), [aqui](#), [aqui](#) e [aqui](#).

Para mais informações sobre o conteúdo deste informativo, contatar:

HENRIQUE FILIZZOLA  
E-mail: [hfilizzola@stoccheforbes.com.br](mailto:hfilizzola@stoccheforbes.com.br)

MIRIAM SIGNOR  
E-mail: [msignor@stoccheforbes.com.br](mailto:msignor@stoccheforbes.com.br)

RANA MORAZ  
E-mail: [rmoraz@stoccheforbes.com.br](mailto:rmoraz@stoccheforbes.com.br)

CAROLINE DIHL PROLO  
E-mail: [cprolo@stoccheforbes.com.br](mailto:cprolo@stoccheforbes.com.br)

JULIA FRANCO  
E-mail: [jfranco@stoccheforbes.com.br](mailto:jfranco@stoccheforbes.com.br)

# Radar

## Stocche Forbes

Radar Stocche Forbes – Finanças Sustentáveis, boletim elaborado pelo time multidisciplinar de Finanças Sustentáveis do Stocche Forbes Advogados, com notícias de interesse sobre temas relacionados ao investimento responsável e à sustentabilidade no mercado financeiro e mercado de capitais.

Esse boletim tem caráter meramente informativo e não deve ser interpretado como um aconselhamento legal.

STOCHE FORBES

ADVOGADOS

### São Paulo

Av. Brigadeiro Faria Lima, 4100 • 10º andar  
04538-132 • São Paulo • SP  
+55 11 3755-5400

### Rio de Janeiro

Av. Almirante Barroso, 52 • 23º andar  
20031-000 • Rio de Janeiro • RJ  
+55 21 3609-7900

### Brasília

SAU/Sul Quadra 05 • Bloco K • 5º andar  
Salas 508/511  
70070-050 • Brasília • DF  
+55 61 2196-7755

[stoccheforbes.com.br](http://stoccheforbes.com.br)